

Libertinagens (meta)físicas

Kathrin Rosenfield
UFRGS

Doubt that the stars are fire,
Doubt that the sun doth move,...
(Shakespeare, Hamlet, II, 2)

Em 1600, Hamlet invoca nas suas famosas juras de amor o movimento do Sol e das estrelas. Apenas dez anos mais tarde, em março de 1610, Galileu anuncia, na sua Mensagem das estrelas, a descoberta do telescópio. Esta acelerou a redescoberta da teoria copernicana que estava bem gravada no imaginário, embora já se passara mais de meio século desde a publicação do tratado *Revoluções dos orbes celestiais*, publicado em 1543. De fato, Galileu intuira há muito que Copérnico tivera razão em considerar a Terra como um planeta – mas com o telescópio ele dispunha de observações capazes de guiar seus cálculos. Antes disto, suas intuições basearam-se em trabalhos menos conhecidos sobre mecânica. Estes mostraram (além dos pontos fracos da teoria aristotélica do movimento) os erros dos sistemas cósmicos ensinados pelos doutores das Escolas eclesiásticas. Não foram estes, portanto, que saudaram a nova invenção. Foram sobretudo os poetas, os príncipes e seus convivas que celebraram as “novas maravilhas” reveladas pelo telescópio. Na poesia, sobretudo, reflete-se a admiração pela “nova América nos céus” – as paisagens da lua, as manchas na superfície solar, a face sombria e a face iluminada de Vênus. As novidades atçaram - além da brilhante elegância das conversas nas mesas principescas – a concorrência entre cientistas. E o prestígio destes desafios científicos da astronomia, da física e da matemática reflete-se, por sua vez, na transformação do imaginário poético que ganha inusitada complexidade¹. Não é por acaso que

se chama de conceito, truque concebido por uma mente sutil, o princípio estilístico da poesia metafísica: a metáfora espraçada num elaborado sistema, a sinuosidade de uma idéia complexa que se dissemina num rendilhado de imagens dispostas como um cálculo astucioso.

“Eu gostaria que [os céticos] se dessem conta de que a natureza, ao nos dar olhos para ver suas obras, deu-nos também um cérebro capaz de apreendê-las e compreendê-las.” Escreve Galileu numa carta em maio de 1612 (S 16). Por mais distintas que sejam as ocupações do poeta e do cientista, poetas como Donne ou Marvell aceitariam essa máxima como lema. Não importa também que o estilo rebuscado dos metafísicos pareça estar diametralmente oposto à prosa serenamente despojada de Galileu. “Seu pensamento – diz Santillana – tem a mesma *démarche* desimpedida, segura e sem esforço mental que ordena a partir de dentro as realidades em eclosão.” (S 19-20) Mesmo assim, o estilo rebuscado e o diálogo aparentemente sem pretensões têm em comum a paixão pela observação do mundo sensível e o gosto pelas hipóteses, pelos cálculos e raciocínios complexos. O privilégio que os metafísicos concedem ao raciocínio e às formulações hipotéticas contrabalança e realça a temática das grandes paixões do corpo e da alma.

Da mesma forma, para Galileu, a reflexão teórica e o cálculo matemático que sustentam seu sistema cosmológico não estavam clivados dos elãs espirituais e teológicos, levando-o a impregnar com seus conhecimentos a alegorese bíblica. Mas é precisamente esta capacidade de aproximar as equações matemáticas do sentido alegórico dos Salmos, que será a base das acusações que culminarão nos processos fatais. O dom precioso de sentir-pensando e de pensar-sentindo – aquilo que Eliot chama de *felt thought* ao elogiar a especificidade dos poetas metafísicos – não é uma qualidade universal no século XVII. Muito antes pelo contrário: o próprio telescópio, por exemplo, não fora unanimemente reconhecido como um avanço que assegurava um conhecimento mais preciso do cosmos. Pairava sobre o instrumento, como também sobre a matemática, preconceito e desconfiança em relação aos expedientes ardilosos, meros artifícios promovendo o engano. Como a poesia na concepção de Platão e do neoplatonismo, também a ótica² e a matemática eram consideradas como inaptos a captar as leis dos céus. Passavam por sutilezas e divertimentos meramente hipotéticos – modas do espírito mundano.

Assim, em 1654, Thomas Blount anota: “Já que a matemática está em moda nos últimos tempos, todas as metáforas são derivadas de Linhas, Círculos e Ângulos³”. Blount pode ter pensado em poemas como *The definition of Love* de Andrew Marvell, que entretetece o tema do amor perfeito, porém impossível, com imagens astronômicas de pólos e corpos celestes, com metáforas geométricas de linhas oblíquas (que podem unir-se) e paralelas (que jamais se encontrarão – a não ser no infinito).

[...]

Unless the giddy Heaven fall,
And Earth some new Convulsion tear ;
And, us to joyn, the World should all
Be cramp'd into a Planisphere

As Lines so Loves oblique may well
Themselves in every Angle greet :
But ours so truely Paralel,
Though infinite can never meet.

Therefore the Love which us doth bind,
But Fate so enviously debarrs,

Is the Conjunction of the Mind,
And Opposition of the Stars. (The Definition of Love, vv. 21-32)

Outro autor famoso pelo emprego de tropos emprestados à astronomia e à física contemporâneas é John Donne (A Valediction : Forbidden Mourning, The Extasie). Mas os novos instrumentos científicos não o impedem de manter as antigas metáforas alquímicas ou as imagens do cosmos ptolomaico. Ao mesmo tempo que sua poesia absorveu imagens inusitadas que refletem a familiaridade com os recentes cálculos de órbitas (em “The Dissolution”, o “vôo de uma bala” torna-se a metáfora para a passagem das almas na morte), recorrendo aos termos técnicos da cosmologia (latitudes, longitudes, globos, hemisférios), ela ainda imagina a Terra como um centro imóvel em repouso. Em « The Sun rising », o amor é o soberano que gira, tal como o Sol, em torno da cama, centro terreno onde os gestos humanos recebem seu calor e sua intensidade da infinita e atemporal potência da Estrela :

Thou sunne art halfe as happy’as wee,
In that the world’s contracted thus ;
Thine age askes ease, and since thy duties bee
To warne the world, that’s done in warming us.
Shine here to us, and thou art every where ;
This bed thy center is, these walls, thy spheare.

Perfeitamente à vontade ao transitar entre universos heterogêneos, Donne imprime também à sua vida pessoal as marcas do desimpedimento e da ousadia. O poeta “sensitivo e aventureiro”⁴ sabe passar com maior graça e delicadeza dos versos licenciosos a poemas de inspiração neo-platônica que glorificam a união plena em figuras da geometria, da mecânica e da matemática contemporâneas.

Johnson atacou esses encadeamentos intrincados de idéias como “lânguidas imagens envoltas de laboriosas minúcias” (slender conceits in laboured particularities). Ele fustiga assim as complexas associações de raciocínios viabilizados pelo cálculo matemático. Mas a maioria dos leitores interpreta suas híbridas associações do imaginário científico de sua época com metáforas alquímicas e neoplatônicas como expressão do “ardor passionnal da imaginação dramática” (Grierson)⁵. Nesta perspectiva, a imagem de Donne recebe a aura do poeta inspirado - impedido pelo entusiasmo e pela piedade de avaliar os assuntos científicos que agitaram seu século. Assim, um fino historiador da ciência, Giorgio de Santillana, compreende como repúdio das inovações cosmológicas de Copérnico e de Galileu uma sátira de Donne (“Ignatius His Conclave”). Santillana compara a suposta incompreensão de Donne com paradoxal equívoco do Clero que tentou, durante séculos, produzir um “ortodoxo filósofo natural” mas foi incapaz de reconhecê-lo quando este ideal se encarnou em Galileu. Santillana explica este desentendimento com a imensa dificuldade intelectual que representava o novo pensamento matemático - dificuldade esta que era “demasiadamente inquietante para mentes despreparadas, até mesmo para mentes tão extraordinárias quanto a de John Donne”⁶. Num outro momento, ele acrescenta:

Nestes tempos [de Galileu], até mesmo uma mente sensível e aventureira como John Donne, no seu Ignatius His Conclave, queria Copérnico citado diante do Juízo do Inferno, junto com Machiavel e Paracelso, como um daqueles “inovadores” que perturbaram a ordem do mundo. [...]

Com certeza, o ardor poético não qualificava Donne a seguir e compreender os pormenores dos cálculos que fundamentam a teoria copernicana. No entanto, quem olha o jogo sutil de ironias na sátira em questão, descobrirá, primeiro, que Donne não julga Copérnico como cientista (mas apenas como vítima da Cúria romana); segundo, que ele considera como verdadeira a visão copernicana.

Olhemos mais de perto esta ficção intrigante, que lança Copérnico ao abismo mais remoto e confina no inferno precisamente o homem que deu origem ao novo imaginário dos poetas metafísicos. Donne escreve esta curta sátira em 1611, na forma do relato de uma descida ao inferno. O título « Ignatius His Conclave » indica que ele entende sua sátira como um ataque violento contra os protagonistas da Contra-Reforma, em particular, contra o Papa Bonifácio III e Inácio de Loyola – além dos scholars a seu mando, em particular, os astrônomos oficiais da Cúria romana, Tycho Brahe e o Padre Clavius. Quem se disputa o privilégio de ocupar o círculo mais reservado do Inferno são o Papa e o fundador da Companhia de Jesus, enquanto uma série de personagens célebres que Donne encontra nesta descida (em particular Orígenes e Copérnico-Galileu) estão ali como vítimas. A estrutura narrativa deixa claro que Copérnico – que parece ser, num primeiro momento, um concorrente ao trono infernal – jamais poderia alcançar nem sequer uma centelha da maldade e da mentira que dignificam os papistas para a soberania infernal.

A data 1611 situa a sátira pouco mais de um ano após a descoberta do telescópio que motivou a primeira viagem de Galileu a Roma. Durante esta sua estadia na Cúria, as demonstrações do astrônomo diante de prelados e cardeais, cientistas e príncipes reascenderam a teoria copernicana. Tudo indica, portanto, que Donne tenha escolhido o nome de Copérnico como sinônimo ou como alter ego de Galileu Galilei, o verdadeiro inventor da matemática e da mecânica, da astronomia e da física modernas que sustentam as sutilezas refinadas do imaginário setecentista.

A fantasia « Ignatius His conclave » está calcada sobre o Inferno de Dante. Mas a viagem de Donne vai além da trajetória de Virgílio e de Dante – ele penetra até os limites extremos do Inferno: o círculo mais íntimo onde ocorre a disputa pelo trono do « Caos ». Sem deter-se no Purgatório e nos círculos externos do inferno dantesco, ele penetra até as câmaras mais reservadas do palácio de Lúcifer, onde, num primeiro momento, o Papa Bonifácio III e Maomé se disputam as honrarias máximas. Esta disputa desenvolve-se a partir de um argumento relativo à hierarquia de méritos infernais que cabem, de um lado, aos Beneditinos, Jesuítas e Franciscanos, de outro, aos « Turcos » engrossando as fileiras de Maomé. As hostes católicas sendo bem mais assíduas e freqüentes na corte infernal, o narrador dá a entender que o Papa deve ocupar o trono, ao passo que Maomé, Lúcifer e os Imperadores Cristãos estão em lugares apropriados quando sentam aos seus pés. Donne entrevê esta cena ao espiar o « Caos », o aposento mais reservado e prestigioso de Lúcifer, no exato momento em que range a porta e entra em cena um novo protagonista:

Percebi um certo Matemático que, até então, tentara despistar Ptolomeu ; e agora, em atitude ereta e passo firme, avançou até as porteiras para gritar, batendo nas portas com mãos e os pés (desrespeitando o próprio Lúcifer) : “Estariam estas portas fechadas para mim, para quem os céus estavam sempre abertos, que havia sido uma alma na terra, dando-lhe movimento?”

Assim soube que se tratava de Copérnico. Embora nunca ouvi nada de mal sobre sua vida e, por isto, poderia surpreender-me de encontrá-lo ali, lembrei que os Papistas estenderam o nome e a punição da Heresia a

quase tudo ; além do mais, eu estava usando os óculos de Gregório e de Beda, através dos quais se podia ver queimar no inferno até Orígenes, que tantos méritos acumulara em favor da Igreja. Assim, não duvidei mais, mas fiquei assegurado de que fora o próprio Copérnico que estava vendo.

A reserva “Eu nunca ouvira falar mal de Copérnico” e o burlesco adereço dos “óculos de Gregório e de Beda” sinalizam claramente o objetivo do relato que apresenta a justiça ao avesso : Donne encontra no inferno um carnaval macabro reunindo figuras emblemáticas que dedicaram sua vida à procura da verdade religiosa, filosófica ou científica, como Copérnico e Orígenes, o fundador da alegorese bíblica. É sobre o pensamento de Orígenes que Gregório de Nissa (330 – 394) funda as doutrinas do Concílio de Constantinopla (381), sempre tentando conciliar a interpretação alegórica das Escrituras com argumentos racionais⁸. Ora, é precisamente neste terreno da exegese racional e científica das alegorias bíblicas que Galileu mostrou particular talento⁹ (talento este que fornecerá aos invejosos as linhas de ataque para as intrigas que levarão o piedoso cientista à condenação). Para quem conhece os detalhes do pensamento alegórico-científico de Galileu (e as conseqüências terríveis em 1633 que Donne obviamente ignorava em 1611), a ironia do poeta pode parecer quase profética. Ele apresenta o núcleo do inferno como uma armadilha construída pelas tramas diabólicas dos papistas e jesuítas. A presença de Orígenes e de Copérnico deve-se tão-só à radical subversão da bondade e da verdade pelos jesuítas e papistas, cujas intrigas impossibilitam o juízo e terminam por subverter até mesmo a justiça divina. O eixo central da narrativa é, portanto, a representação da Maldade demoníaca que constitui a deturpação organizada da verdade nas intrigas do poder papal e jesuítico. Copérnico-Galileu, embora confinado no inferno, sempre aparece como alguém que disse a verdade, mas que, ao tentar convencer a Cúria romana e a Companhia de Jesus, terminou sucumbindo aos tentáculos daqueles que metodicamente destroem a ordem e a retidão. O que caracteriza Copérnico é a desmedida e a ousadia que cabem a um gênio, não a inverdade e a maldade. Ele sabe da acusação de ter perturbado a ordem antiga do universo e reclama algumas honras por tal feito. Mas o júri ao qual Lúcifer remeterá os argumentos de Copérnico confirmará que este tipo de audácia não tem quase nenhum valor na hierarquia do inferno:

A ele [Copérnico] Lúcifer dirigiu a palavra : ‘Quem es tu ? Pois, embora tua audácia pareça ela própria merecedora de entrar, valendo, inclusive [a fundação de] uma nova facção no inferno, debes satisfazer primeiro os que te rodeiam e que esperam o mesmo sucesso e a mesma sorte (fortune) que tu ?’ ‘Embora, Lúcifer’ respondeu Copérnico, ‘eu tenha te considerado da mesma raça da estrela Lúcifer, com a qual tenho tanta familiaridade, não te pouparei este discurso. Sou aquele que teve misericórdia de ti quando fostes lançado no Centro do mundo e te alcei aos céus – a ti e a tua prisão; graças a esse meu despacho, Deus não goza de sua vingança sobre ti. O sol, que fora um espião titular e um denunciador de erros e, assim, teu inimigo, eu lhe consignei a parte mais baixa do mundo. Estariam estas portas abertas para os que inovaram apenas em coisas sem importância ? E estarão elas fechadas contra mim, que revirei todo o arcabouço do mundo, sendo assim quase um novo Criador ?’ Mais que aquilo ele não disse. Lúcifer caiu numa longa meditação.”

A Maldade entra em cena com a hábil retórica de Inácio de Loyola que interrompe a intrigada meditação de Lúcifer. “Sujeito sutil” e “capaz de tentar [...] e até mesmo possuir o Demônio”, ele se afirma com a segurança e a arrogância de quem está acostumado a manipular o verbo conforme interesses escusos. Embora redondamente ignorante em astronomia, a ponto de “desconhecer os nomes de Ptolomeu ou de Copérnico, inclinado a considerar os nomes Almagesto, Zenito, Nadir como nomes de santos”, ele se atualizara – explica o texto – na soleira do inferno, no contato com os Papas e cardeais. Sem menor hesitação, Loyola descarta que Copérnico tenha qualquer importância para o reino de Lúcifer, negando que o demônio tivesse aumentado seu domínio sobre os homens graças à doutrina do movimento da terra. “Esta honra”, isto é, a honra de ter semeado confusões e inverdades que realmente perturbam a boa Ordem divina, ele explica, cabe a “Clavius, que oportunamente se opôs a ti e à verdade, a qual, por esta época, começava a rastejar nas mentes de todo o mundo”. As palavras de Loyola captam numa retórica burlesca a rede de intrigas e, sobretudo, os silêncios impostos pelo voto de obediência, que levaram à estigmatização de Galileu (e, finalmente, à condenação) e que tiveram a finalidade de salvar, sob o manto da cosmologia oficial, o predomínio da Companhia de Jesus. O centro desse abismo de mentiras é o padre jesuíta Clavius, e a retórica de Loyola lhe atribui as honrarias de Cavaleiro-mor do Anticristo.

Pequeno parêntese histórico

A investida contra o poder papal e os jesuítas (embora motivada também pelas convicções do autor) capta o nó sórdido que começa a se tramar em torno de Copérnico-Galileu - e os fatos históricos não contradizem as intuições de Donne. Pouco antes da época em que o poeta escreve sua fantasia, Padre Clavius, o astrônomo da Cúria, rira do telescópio inventado por Galileu, mas, depois de observar o céu através deste instrumento, admitiu de bom grado a validade deste espetacular instrumento. Capaz de seguir e de comprovar a validade das demonstrações matemáticas das hipóteses de Galileu, Clavius logo estava inclinado a adotar, ele também, a teoria copernicana. Nisto, ele se revelou infinitamente superior aos professores das Universidades – os quais Galileu temia muito mais que os Jesuítas cultos e interessados nos progressos da ciência. É a Clavius que Galileu destina, em março de 1610, uma carta na qual ele explica os equívocos do sistema que Tycho Breha concebera nos anos 70 do século anterior¹⁰, como alternativa ao sistema copernicano que ameaçava a doutrina. Tycho substituíra a este último um esquema meramente geométrico. Partindo de pressupostos teóricos e rejeitando a demanda (já expressada por Ramos, em 1569) por uma teoria baseada em observações empíricas, este sistema teve o duvidoso mérito de salvar os fenômenos, deixando intactas tanto a Filosofia escolástica como a antiga interpretação alegórica das Escrituras¹¹. O padre Clavius é um dos primeiros a se convencerem dos equívocos desta “conciliação” e ele sabe da superioridade da teoria copernicana elaborada graças às descobertas de Galileu. Quando a invenção do telescópio recoloca a questão do sistema copernicano, o Cardeal Bellarmino pergunta, em abril de 1611, ao Pe. Clavius se as descobertas de Galileu eram sérias, e Clavius responde que sim. Sua convicção é de que Galileu tem a opinião correta e que ele o seguiria de bom grado – não fossem os constrangimentos impostos pelos seus superiores. Em 1611, Donne não sabia que o silêncio de Clavius iria levar à morte de Galileu. Mas desde já é neste padre que se concentra seu repúdio profético do mal que produz a obediência jesuítica. Após o julgamento de Galileu em 1633, Athanasius Kirchner confirmará que Clavius, Malapertius e outros tenham sido constrangidos e ordenados a escrever a favor da doutrina corrente de Aristóteles, embora sua

visão coincidissem com a de Copérnico e Galileu¹². É esta passiva defesa da inverdade que faz de Clavius agora o favorito de Loyola, quando este se prepara a subir ao trono do Inferno.

Toda a construção da fantasia infernal de Donne mostra uma percepção lúcida das linhas de força da polêmica que voltara a agitar não só os cientistas, mas principalmente os defensores da Reforma e da Contra-Reforma quando ocorre a descoberta do telescópio em 1610. Donne parece estar a par dos acontecimentos recentes envolvendo Galileu e conhece os episódios mais antigos – como a teoria alternativa de Tycho que reflete a estratégia do rechaço do sistema copernicano. Este conhecimento mostra-se na retórica que ele coloca na boca de Inácio de Loyola. Este faz o elogio do Padre Clavius e, em seguida, cita Tycho como figura meramente subalterna, rebaixando a humildes escribas o astrônomo da Cúria nos tempos de Copérnico – como também o próprio Copérnico. Este descarte sem cerimônia de personagens de peso na história da ciência renascentista baseia-se novamente numa leitura irônica dos dados históricos. O tratado “Sobre as revoluções das orbes celestiais” de Copérnico fora publicado em 1543. Ele alcançara notoriedade, mas apenas alguns espíritos românticos adotaram sua teoria, não conseguindo, entretanto, dominar os problemas difíceis colocados pelo novo sistema. Devido às desconfianças que pairavam sobre o tratado, o astrônomo oficial, Tycho Brahe, aproveitou a confusão¹³ para opor às exigências de hipóteses baseadas em observações (formuladas por Ramus, 1569) o argumento de que a teoria deve dar direção à observação. Sobre este postulado teórico ele erige um sistema geométrico permeado de elementos alquímicos, no qual os planetas revolvem em torno do sol, mas o sol em torno da terra imóvel¹⁴. Desta forma, foi fácil para os filósofos das Escolas dispensarem Copérnico acrescentando que sua teoria era inconciliável com a física oficial. Os protestantes o hostilizaram, temendo as dúvidas que seu sistema lançaria sobre o sentido literal das Escrituras. E os católicos consideraram seu livro como mais um daqueles engenhosos expedientes matemáticos que não podiam reivindicar nenhuma relevância física.

A ironia de Donne visa precisamente esta trama de interesses dogmáticos que se sobrepõem à verdade que já começa a se impor. A hierarquia do mal estabelecida entre os astrônomos – Clavius aparece como verdadeiramente digno do inferno, enquanto Tycho e Copérnico não têm dignidade nenhuma entre os demônios – mostra que o raciocínio satírico contabiliza apenas os méritos infernais. Rastreia com muita precisão os efeitos nefastos do princípio da obediência na Ordem dos Jesuítas, que, na visão do poeta, impede deliberadamente o aflorar da verdade. Clavius e Tycho comparecem no inferno, mas é o primeiro – o que conhece a verdade, porém aceita ser o instrumento dócil das manipulações jesuíticas – que se torna o favorito de Loyola. É Clavius que é digno do “lugar reservado apenas para os heróis do Anticristo”, ao passo que o astrônomo enganado (Tycho), e o que introduz a teoria que se imporá como verdadeira (Copérnico-Galileu) estão igualmente longe do trono infernal. Com grande ironia, Copérnico e Tycho são considerados como raia miúda pelos dignatários demoníacos, já que a retórica de Loyola os apresenta como inócuos seguidores dos astrônomos da Antigüidade, de Ecfantus, Heráclides e Aristarco. No final, Lúcifer recusa as honras do trono a Copérnico e este “sem resmungar uma só palavra, tão quieto como ele diz ser o sol [...] assumiu seu lugar” abandonando o campo de disputa entre Loyola e o Papa Bonifácio, cujos privilégios o jesuíta termina por usurpar.

Donne parece estar a par dos debates científicos de sua época e revela indiretamente que considera como verdadeira a visão copernicana do universo. Não é por acaso que Donne foi elogiado como o poeta que “colocou seu dedo exatamente no pulso da lucidez desta época de mudanças e que representa suas características com maior vigor”¹⁵. T. S. Eliot chamou de «felt thought» (pensamento sensível) este elo íntimo entre a sensibilidade e o intelecto que caracteriza a arte de Donne e de outros poetas metafísicos. Embora Eliot não o mencione explicitamente, Galileu representa um pendant perfeito para o felt thought dos poetas. Se estes

absorvem em suas metáforas o rigor do raciocínio e a complexidade de um argumento, Galileu, por sua vez, se mostra capaz de retraduzir seus conhecimentos científicos nas figuras da verdade inspirada dos Salmos. Mais do que isto, ele via – exatamente como os poetas metafísicos – a necessidade de dar nova vitalidade e forma às expressões do divino, do amor e da beleza:

“Galileu jamais teria pensado em desafiar a eternidade da Palavra de Deus, mas ele via com maior lucidez que muitos dos símbolos terrenos da eternidade, que representavam no entendimento das pessoas piedosas as virtudes dos céus, estavam se tornando clichês literários muito desgastados – falsas notas em qualquer filosofia que se importasse verdadeiramente com a majestade do Cosmos.” (S 67)

No entanto, é precisamente esta capacidade de traduzir conhecimento em metáforas e metáforas em conhecimento que causará o escândalo fatal. Diferentemente do pensamento ágil e apaixonado que caracteriza Donne e Galileu, muitos dos guias espirituais pareciam afundar-se numa espécie de inércia intelectual que se torna evidente na justaposição estanque de conteúdos contraditórios e de noções incompatíveis¹⁶. Giorgio Santillana comenta os desconcertantes resultados desta incorporação de doutrinas neutralizadas por uma mera justaposição:

“Levada a um compromisso mental, a mente clerical foge até dos conteúdos que aprendeu nas suas próprias escolas. Nada é mais revelador do que um pequeno discurso do Cardeal Federigo Borromeu, um scholar qualificado como poucos, além de ser o fundador da grande Biblioteca Ambrosiana. Ele se dirige a jesuítas que embarcam para os mares do sul. Ao mesmo tempo em que os exorta a contribuir ao conhecimento da natureza nestes locais remotos, ele expressa sua esperança de que trariam esclarecimentos sobre ‘as fundações da profundidade’, uma vez que os clérigos estavam indo para as antípodas. Ora, ele poderia ter sabido de Aquino, cuja obra ele estudou laboriosamente durante tantos anos, que não havia tal coisa, já que a terra, para a doutrina oficial, não era mais um pilar ‘fundado sobre a profundidade’, tal como o sugere o Antigo Testamento, mas uma esfera simetricamente suspensa no centro do universo. No entanto, até mesmo o diagrama ortodoxo [da doutrina oficial] não fora registrado na sua mente. » (92-93)

Não é de se surpreender que neste clima asfíxiante a agilidade imaginária com que Galileu procurava conciliar o saber científico com a Verdade revelada, só podia causar alvoroço. Até mesmo os cardeais instruídos consideravam a ciência ainda como um mero “ornamento da mente” e, segundo Santillana, “devem ser perdoados por terem-se perguntado se as novidades da ciência sobre os céus teriam bons efeitos sobre a ordem espiritual que eles estavam encarregados de manter.” (S 96) Isto torna-se evidente quando um dos alunos de Galileu, o monge carmelita Paolo Antonio Foscarini, procura defender o trabalho pioneiro de seu mestre, ressaltando a convergência do novo sistema com passagens relevantes das Escrituras sagradas. Bellarmino responde com uma carta notável pelo equilíbrio – surpreendente para o leitor moderno – entre a sutileza teórica das palavras iniciais e a flagrante contradição do raciocínio final. Este último parece estar menos baseado na firmeza da fé do que na supressão reativa da sutileza intelectual em nome da integridade do dogma. Mas

vejamos os três argumentos expostos. As primeiras linhas da carta parecem ser dignos de um especialista atual em epistemologia ou teoria da ciência:

“Signor Galileu age prudentemente quando se contenta em falar hipoteticamente e não absolutamente, tal como eu sempre entendi que Copérnico se expressava. Dizer que, baseado na suposição do movimento da terra e da estabilidade do sol, todos os fenômenos aparentes do céu explicam-se melhor do que pela teoria dos epicentros e epiciclos, é falar com excelente bom senso e sem correr qualquer risco. Afirmar, porém, que o sol, na verdade, é o centro do universo e gira apenas no seu próprio eixo, sem mover-se do leste ao oeste, é uma atitude muito perigosa e capaz não somente de levantar contra si os filósofos escolásticos e os teólogos, mas injuria também nossa fé sagrada ao contradizer as Escrituras.” (99)

No segundo item de sua carta, Bellarmino cita as proibições do Concílio de Trento quanto a todas as afirmações (científicas ou outras) que contradizem a opinião dos Pais da Igreja. “Não é suficiente dizer que isto [por exemplo, os cálculos e esquemas de Galileu] não seria um assunto de fé, porque, embora isto não seja um assunto da fé ex parte objecti, isto o é com relação ao objeto tratado, ele é um objeto da fé ex parte dicentis, com respeito àquele que o anuncia. »

No terceiro item, Bellarmino opõe ao modo hipotético de enunciar a ordem celestial uma eventual “prova real” do heliocentrismo. Ele explica que uma prova real, de fato, obrigaria a uma “grande circunspeção” quanto à explanação das Escrituras que parecem ensinar o contrário. No entanto, a perspectiva de uma prova efetiva surge apenas como exercício retórico, sem que Bellarmino admita essa possibilidade. É apenas em hipótese que esta é evocada quando o Cardeal explica, a prova real “não autorizaria a declarar como falsa uma opinião que foi provada como verdadeira”. No entanto, conclui, “eu não acreditarei que há tais provas até que elas me sejam mostradas. [...] E, quanto ao Sol e à Terra, o homem sábio não precisa corrigir seu juízo, porque sua experiência lhe diz claramente que a Terra está parada e que seus olhos não se enganam quando registram que o Sol, a Lua e as estrelas estão em movimento.” (100)

O raciocínio da conclusão é tanto mais surpreendente quando Bellarmino admite, com total lucidez, a relatividade das observações dos nossos sentidos. Ele mesmo descreve, poucas linhas antes de sua conclusão, as impressões subjetivas da terra firme afastando-se do observador viajando num barco. Apesar desta clarividência, o cardeal é impedido pelas diretrizes do Concílio de Trento de incorporar com profundidade as demonstrações contundentes que abalaram as convicções ptolemaicas dos Padres Clavius e Grienberger, convencendo-os da superioridade do sistema copernicano.

Mesmo assim, Bellarmino aparece como um homem esclarecido e tolerante, quando se pensa que Lutero (e muitos outros com ele) dispensou sumariamente a teoria copernicana, referindo-se ao seu autor como “aquele tolo”. Ao contrário da grande maioria dos seus contemporâneos que não leram Copérnico, Bellarmino conhecia a introdução do livro de Copérnico que sublinha que a teoria copernicana é uma suposição puramente matemática sem a menor implicação sobre a realidade dos céus. Mas, apesar da sutileza e dos méritos inquestionáveis do Cardeal, observa Santillana, a nítida separação do conhecimento científico e das coisas da fé “teria sido pedir demais de um homem que nunca reexaminou qualquer coisa num espírito de dúvida, e que, ao invés, se exercera em re-estabelecer, reafirmando e reconfirmando uma verdade instaurada durante a sua vida. Assim, Bellarmino [quando

respondeu ao monge Foscarine] não voltou a rler Copérnico e tampouco gastou seu óleo da meia-noite formulando os profundos raciocínios modernos que apologistas mais tardios construíram e projetaram no seu texto¹⁷.” (101) O que é curioso e paradoxal, segundo Santillana, não é a suposta excelência científica e metodológica do Cardeal, mas tão-só as vicissitudes históricas de respectivas posições de Galileu e de Bellarmino. “Como já dissemos, é a visão de Galileu que se tornou a doutrina oficial da Igreja desde a encíclica Providentissimus Deus de 1893, ao passo que a concepção de Bellarmino fora, de fato, rejeitada, embora este último tenha sido canonizado [em 1930]. » (103)

Notas

¹ Santillana 9, M. H. Nicholson, « The Telescope and Imagination », Modern Philology, 1935 ; F. Johnson, Astronomical Thought in Renaissance England, 1937.

² S 13 : Tycho avança estranhas teorias sobre as lentes que Galileu terá de rebater

³ MW 71

⁴ Embora Donne tenha almejado uma carreira mundana, ele pôs em risco (e perdeu) sua fortuna por motivos passionais – o casamento secreto com a sobrinha de seu empregador. Hoje já é um lugar comum ver este metafísico como protagonista de um novo estilo de vida: « De Raleigh a Donne, temos famosos casos de casamentos inortodoxos e apaixonados. A punição não se dá na forma de uma sanção imediata, mas na de formas de vidas imprevisíveis e arriscadas que resultam destas paixões. Em consequência, surgem na poesia lírica e na comédia experimentações textuais quase que acirradas com papéis heterosociais, heterosociais, homosociais e homosociais, uma experimentação dramática com quiasmas e identidades múltiplas. » Pfeiffer, Cadernos 85

⁵ Margaret Willy 8

⁶ S 19

⁷ S 95

⁸ Pauly-Wissowa, entrada Gregorios

⁹ Frisemos rapidamente o episódio em que o Cardeal Bellarmino convida Galileu a comentar o Salmo 19 que fala explicitamente do movimento do Sol no firmamento. Galileu submete humildemente a sugestão de que a metáfora do “noivo” saindo da alcova poderia designar a luz como força viajando de uma extremidade do firmamento a outra, ao passo que o Sol seria representado pela imagem da “alcova” que Deus plantou no céu. Santillana esclarece que já Copérnico pensara nesta interpretação do Salmo (o que Galileu ignorava), mas suprimiu suas anotações porque temia que estas seriam consideradas como demasiadamente “pitagóricas”, isto é, contrárias ao novo espírito teológico. As especulações pitagóricas, diz Santillana, pertencem à tradição medieval “que emprestou a ‘metafísica da Luz’ ao neo-platonismo e a introduziu na teologia mística.” Se Galileu tivesse encontrado na cátedra da autoridade teológica um São Boaventura no lugar de São Roberto Bellarmino (beatificado em 1923 e canonizado em 1930), ele poderia ter se tornado um dos pilares da Igreja. Mas estes tempos findaram. Bellarmino era a autoridade, uma mente escolástica mestra, encarregado da tarefa de manter a Igreja na linha das decisões do Concílio de Trento. Enquanto jesuíta ele lamentavelmente resolveu nunca mais desconsiderar a sinistra cura [Boaventura, no Paraíso de Dante (XII, 125), diz que sempre preteriu os cuidados da sinistra mão esquerda : sempre posposi la sinistra cura.] S 54 s..

¹⁰ S 23 e 37

¹¹ S 36 s .

¹² S 29 e 290 s .

¹³ S 3 s..

¹⁴ S 36

¹⁵ Margaret Willy, Introduction 4.

¹⁶ A lenta e inconsequente absorção de conhecimentos heterogêneos faz com que as metáforas dos textos mais arcaicos (por exemplo, do Antigo Testamento) possam tranquilamente coabitar com doutrinas mais recentes (Thomas de Aquino) sem que os conhecimentos científicos destas últimas sejam efetivamente interiorizados.

¹⁷ Santillana refere-se a frases como a seguinte de J. Brodrick: "Trata-se de uma circunstância curiosa e paradoxal ... que as cartas teológicas de Galileu são, enquanto peças de exegese escritural, muito superiores aos de Bellarmino, ao passo que a carta de Bellarmino [ao monge Foscarini] é, enquanto ensaio sobre o método científico, muito mais saudável e moderna do que a visão do próprio Galileu." (J. Brodrick, *The Life and Work of Blessed Robert Francis, Cardinal Bellarmine*, S. J. [1928], II, 360).